

Região Sudeste

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sudeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

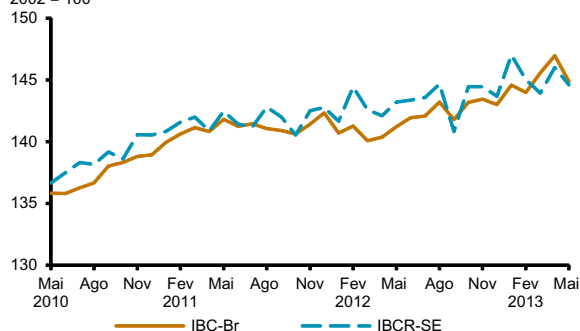
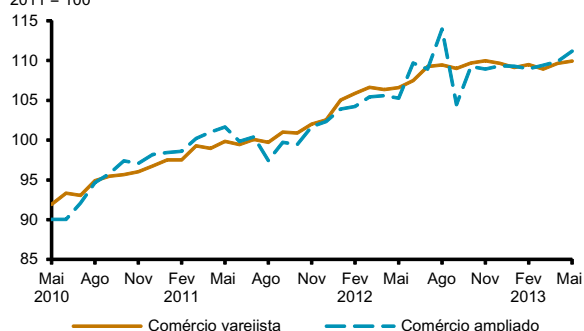


Gráfico 4.2 – Comércio varejista – Sudeste

Dados dessazonalizados
2011 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Comércio varejista – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012 Ano	2013		12 meses
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	
Comércio varejista	8,1	-0,1	0,1	5,9
Combustíveis e lubrificantes	6,0	-2,2	4,3	9,1
Hiper e supermercados	9,4	0,2	-1,4	5,9
Tecidos, vestuário e calçados	1,3	-1,1	3,9	2,6
Móveis e eletrodomésticos	11,6	2,3	-1,3	7,9
Comércio ampliado	7,6	1,5	0,9	6,9
Automóveis e motocicletas	6,9	6,7	0,8	9,2
Material de construção	7,9	5,7	-0,8	5,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica do Sudeste moderou no trimestre encerrado em maio, em parte, repercutindo o desempenho modesto da produção industrial. Nesse contexto, o IBCR-SE recuou 0,3% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, quando expandira 1,4%, no mesmo tipo de comparação, considerando a série com ajuste sazonal. No acumulado de doze meses encerrados em maio o indicador aumentou 1,4%, relativamente a igual período do ano anterior.

As vendas varejistas da região cresceram 0,1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando haviam recuado 0,1%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Esse desempenho refletiu, em parte, variações nas vendas de combustíveis e lubrificantes, 4,3%; tecidos, vestuário e calçados, 3,9%, hipermercados e supermercados, -1,4%; e móveis e eletrodomésticos, -1,3%. As vendas do comércio ampliado, que incluem veículos, com variação de 0,8%, e material de construção, com variação de -0,8%, aumentaram 0,9% no mesmo período (1,5% no trimestre encerrado em fevereiro).

Considerados períodos de doze meses, as vendas no varejo aumentaram 5,9% em maio, em relação a igual período de 2012, e as no comércio ampliado expandiram 6,9%, com elevações respectivas de 9,2% e 5,4% nas vendas de veículos e de material de construção.

A produção industrial da região cresceu 0,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando declinara 0,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. A produção da indústria extrativa decresceu 4,6% e a de transformação aumentou 0,4%, reflexo de expansão em doze das 23 atividades pesquisadas. Destacaram-se os aumentos nas atividades material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 11,3%; máquinas e equipamentos, 7,6%; e veículos

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2013		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,2	0,4	-0,3
Indústria extrativa	5,3	-1,6	-4,6	-2,9
Indústria de transformação	94,7	0,5	0,4	-0,1
Alimentos	10,9	3,0	-3,6	-1,1
Veículos automotores	9,3	0,2	2,5	-0,6
Refino de petróleo e álcool	9,1	0,2	1,7	7,7
Outros produtos químicos	7,7	-3,9	0,2	1,6
Metalurgia básica	7,6	-3,1	1,1	-5,4

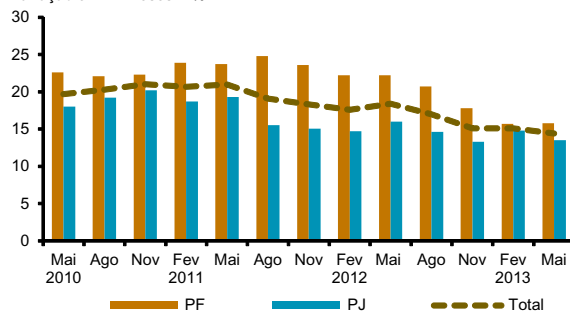
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – Sudeste

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 4.3 – Desembolsos do BNDES – Sudeste

Discriminação	Var. % acum. 12 meses				2013 ^{1/}	
	2010	2011	2012	2013 ^{1/}	R\$ milhões	Part. (%)
Sudeste	36,7	-30,0	6,2	22,7	83 317	45
Brasil	23,5	-18,0	12,3	32,9	185 233	100

Fonte: BNDES

1/ Valores acumulados em doze meses até maio.

Tabela 4.4 – Necessidades de financiamento – Região Sudeste^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Total	-14 936	-11 600	7 406	11 306
Governos estaduais	-11 264	-6 320	5 873	8 690
Capitais	-2 613	-4 079	1 378	2 407
Demais municípios	-1 058	-1 201	154	209

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

automotores, 2,5%, e os recuos nas indústrias farmacêutica, 10,1%, e de alimentos, 3,6%.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial do Sudeste contraiu 0,3% em maio, ante expansão de 2,1% até fevereiro. Ocorreram elevações de 7,9% na produção da indústria farmacêutica e de 7,7% na de refino de petróleo e álcool, e retrações respectivas de 6,7% e 5,4% nas atividades máquinas e equipamentos e metalurgia básica.

O Icei para o Sudeste, divulgado pela CNI, atingiu 52,1 pontos em junho (52,8 pontos em maio e 53,5 pontos em junho de 2012), em linha com os resultados modestos do setor, tanto na margem quanto nos últimos doze meses.

Para junho, a Sondagem Industrial realizada pela CNI apontou expectativas de redução na produção, com o indicador situando-se em 44,4 pontos, ante 50,6 pontos no mês anterior e 43,7 pontos em junho de 2012. O indicador de estoques, aproximando-se do nível desejado, atingiu 50,6 pontos comparativamente aos 51,8 pontos em maio e 51,2 pontos em junho do ano anterior.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil totalizaram R\$1.306,8 bilhões em maio, elevando-se 3,8% no trimestre e 14,4% em doze meses. A carteira de pessoas físicas somou R\$537,8 bilhões, com elevações de 4,3% e de 15,8%, respectivamente, destacando-se as modalidades financiamento imobiliário e crédito pessoal consignado. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas, com ênfase para as modalidades financiamento à exportação e capital de giro, atingiu R\$769 bilhões, aumentando 3,4% no trimestre e 13,5% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito situou-se em 3,1% em maio, mesmo patamar de fevereiro. A taxa atingiu 4,6% no segmento de pessoas físicas e 2,0% no de pessoas jurídicas, com recuo de 0,1 p.p. e estabilidade, respectivamente, no período.

Os desembolsos do BNDES para a região Sudeste totalizaram R\$23.137,2 milhões no trimestre finalizado em maio, elevando-se 75,2% em relação a igual período do ano anterior. Os desembolsos somaram R\$83.317,4 milhões no período de doze meses encerrado em maio, com acréscimo de 22,7% em relação a igual período de 2012.

O *superavit* primário dos governos de estados, capitais e principais municípios do Sudeste atingiu R\$11,6 bilhões no primeiro trimestre de 2013, recuando 22,3% em

Tabela 4.5 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Região Sudeste^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano				Dívida ^{2/}
	2012	Nominal	Outros ^{4/}		2013	
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Total	396 934	-11 600	11 306	-294	-1 352	395 288
Gov. estaduais	321 925	-6 320	8 690	2 370	-849	323 445
Capitais	75 101	-4 079	2 407	-1 672	-416	73 013
Demais municípios	-92	-1 201	209	-992	-87	-1 171

1/ Inclui inform. dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 4.6 – Dívida líquida – Região Sudeste^{1/}
Composição

Região Sudeste	R\$ milhões		
	2011	2012	2013
	Dez	Dez	Mar
Dívida bancária	9 484	15 679	17 768
Renegociação ^{2/}	334 203	360 005	364 908
Dívida externa	15 654	20 730	23 062
Outras dívidas junto à União	16 903	16 474	15 396
Dívida reestruturada	825	845	809
Disponibilidades líquidas	-18 682	-16 799	-26 654
Total (A)	358 386	396 934	395 288
Brasil^{3/} (B)	491 433	541 717	533 065
(A/B) (%)	72,9	73,3	74,2

1/ Inclui informações dos estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ Lei nº 8.727/1993, Lei nº 9.496/1997 e MP nº 2.185/2000.

3/ Refere-se à soma de todas as regiões.

Tabela 4.7 – Produção agrícola – Sudeste
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2012	2013	2013/2012
Grãos		19 227	19 592	1,9
Arroz (em casca)	0,2	153	143	-6,2
Feijão	2,1	887	811	-8,5
Milho	6,7	12 471	12 192	-2,2
Soja	4,7	4 545	5 271	16,0
Outras lavouras				
Café	21,9	2 698	2 479	-8,1
Banana	2,7	2 276	2 334	2,5
Cana-de-açúcar	40,0	438 612	492 158	12,2
Laranja	8,3	15 418	14 493	-6,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

relação a igual período de 2012. O *superavit* dos governos dos estados decresceu 43,9% enquanto os das capitais e dos principais municípios aumentaram 56,1% e 13,4%, respectivamente.

Os juros nominais apropriados por competência somaram R\$11,3 bilhões no primeiro trimestre de 2013, contra R\$7,4 bilhões em igual período de 2012, contribuindo para que o *superavit* nominal totalizasse R\$294 milhões (R\$7,5 bilhões no primeiro trimestre de 2012).

A dívida líquida de estados, capitais e principais municípios da região totalizou R\$395,3 bilhões em março de 2013 (74,2% da dívida dessas entidades no país). O valor ao final do primeiro trimestre recuou 0,4% em relação ao apurado em dezembro de 2012.

A produção de grãos da região Sudeste está estimada em 19,6 milhões de toneladas em 2013, 10,5% da produção nacional, de acordo com o LSPA de junho, do IBGE. O aumento anual previsto, de 1,9%, reflete em especial a projeção de crescimento de 16% para a safra de soja, resultado de aumentos de 2,9% na produtividade e de 12,9% na área plantada. Para os cultivos de feijão, arroz e milho projetam-se reduções respectivas de 8,5%, 6,2% e 2,2%, reflexo, sobretudo, de reduções nas áreas plantadas. Em relação às demais lavouras, estão estimados aumento de 12,2% para a safra de cana-de-açúcar e redução de 8,1% para a de café, que este ano se encontra em ciclo biennial de baixa produtividade.

Os abates de bovinos, aves e suínos, realizados em estabelecimentos inspecionados pelo SIF, variaram 18,4%, -11% e 3,5%, na ordem, nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2012, de acordo com o Mapa. O aumento do abate de bovinos foi estimulado pela demanda externa e o de suínos, pela interna. O desempenho da avicultura refletiu o aumento do custo de produção e a contração da demanda externa.

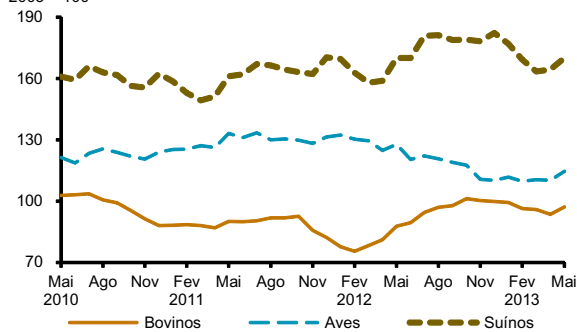
A balança comercial da região foi deficitária em US\$6,7 bilhões no primeiro semestre de 2013, contrastando com o *superavit* de US\$4,3 bilhões em igual período de 2012. O resultado refletiu redução de 10,4% nas exportações e aumento de 7,2% nas importações, que atingiram US\$57,5 bilhões e US\$64,2 bilhões, respectivamente.

O comportamento das exportações, que refletiu reduções de 6,8% nos preços e de 3,9% no *quantum*, foi influenciado, especialmente, pela retração de 18,8% nas

Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.8 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	64 123	57 470	-10,4	-2,4
Básicos	26 338	21 374	-18,8	-2,6
Industrializados	37 785	36 097	-4,5	-2,2
Semimanufaturados	8 250	8 042	-2,5	-3,8
Manufaturados ^{1/}	29 536	28 055	-5,0	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

^{1/} Inclui operações especiais.**Tabela 4.9 – Importação por categoria de uso – FOB**

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	59 834	64 160	7,2	6,7
Bens de capital	15 457	15 652	1,3	6,6
Matérias-primas	25 624	27 471	7,2	6,8
Bens de consumo	9 846	10 385	5,5	2,6
Duráveis	4 758	4 854	2,0	-4,5
Não duráveis	5 088	5 531	8,7	11,9
Combustíveis e lubrificantes	8 907	10 651	19,6	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.10 – Evolução do emprego formal – Sudeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012		2013		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	330,6	186,0	87,0	-202,7	265,1
Indústria de transformação	51,2	12,7	9,8	-49,9	61,8
Comércio	23,7	42,5	99,5	-41,1	5,0
Serviços	127,1	62,3	72,6	-22,0	91,5
Construção civil	52,7	18,9	-25,0	-11,9	29,2
Agropecuária	62,4	41,0	-67,4	-68,8	67,4
Serviços ind. de utilidade pública	1,7	3,0	1,3	2,8	0,3
Outros ^{2/}	11,7	5,7	-3,8	-11,9	9,9

Fonte: MTE

^{1/} Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.^{2/} Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

vendas de produtos básicos, principalmente óleos brutos de petróleo (-48,3%) e minérios de ferro e seus concentrados (-10,7%). Os principais destinos dos embarques da região foram China, EUA, Argentina, Holanda e Japão, que responderam, em conjunto, por 48,4% das vendas externas no período.

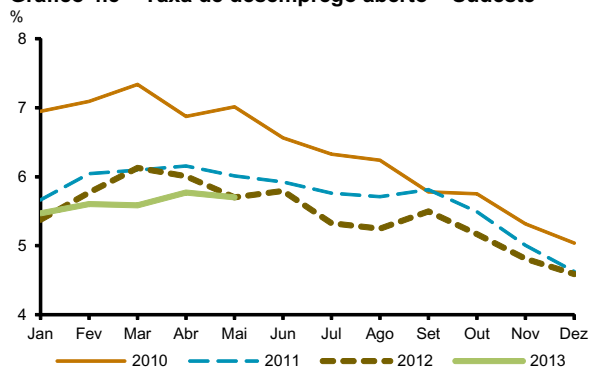
A evolução das importações, resultante de variações de -1,1% nos preços e de 8,4% no *quantum*, refletiu os aumentos das compras em todas as categorias de uso, sobretudo combustíveis e lubrificantes, 19,6%, e matérias-primas, 7,2%. As importações provenientes dos EUA, China, Alemanha, Argentina e Nigéria somaram 47,9% do total adquirido no período.

O mercado de trabalho da região registrou, de acordo com estatísticas do Caged, do MTE, a criação de 265,1 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio (330,6 mil em igual período de 2012), dos quais 91,5 mil no setor de serviços, 67,4 mil na agropecuária e 61,8 mil na indústria de transformação. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,3% em relação ao trimestre encerrado em fevereiro, quando havia aumentado 0,5%, no mesmo tipo de análise.

A taxa de desemprego do Sudeste, conforme a PME para as regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP), Rio de Janeiro (RMRJ) e Belo Horizonte (RMBH), atingiu 5,7% no trimestre encerrado em maio. A retração de 0,2 p.p. em relação a igual período de 2012 resultou de elevações de 0,3% na população ocupada e de 0,1% na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real cresceram, respectivamente, 1,8% e 2,2%, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5,3% no trimestre encerrado em maio, ante 5,5% naquele finalizado em fevereiro.

A inflação na região Sudeste, considerada a média ponderada das variações do IPCA nas RMSP, RMRJ e RMBH, situou-se em 1,29% no trimestre encerrado em junho (1,96% no primeiro trimestre do ano), com menor variação dos preços livres, de 2,93% para 1,20%, e reversão, de -0,98% para 1,59%, na variação dos monitorados.

No âmbito dos preços livres, os preços dos bens comercializáveis desaceleraram, de 2,15% para 0,44%, destacando-se os recuos nos itens carne de frango inteiro, 10,71%; etanol, 5,74%; carne de frango em pedaços, 5,08%; e automóvel novo, 0,90%. Os preços dos bens não comercializáveis desaceleraram, de 3,58% para 1,81%,

Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste

Fonte: IBGE

Tabela 4.11 – IPCA – Sudeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2012	2013		12 meses
			Ano	I Tri	
IPCA	100,0	5,57	1,96	1,29	6,52
Livres	75,6	6,33	2,93	1,20	8,05
Comercializáveis	33,1	4,29	2,15	0,44	6,61
Não comercializáveis	42,5	8,05	3,58	1,81	9,23
Monitorados	24,4	3,40	-0,98	1,59	2,08
Principais itens					
Alimentação	23,0	8,97	4,41	1,43	12,03
Habitação	14,7	6,61	-1,66	1,97	3,55
Artigos de residência	4,1	0,75	1,91	0,90	4,43
Vestuário	5,9	6,49	0,03	2,01	6,36
Transportes	19,8	0,32	1,39	0,23	2,71
Saúde	11,6	6,28	1,83	2,59	7,23
Despesas pessoais	11,2	10,17	3,07	1,51	9,15
Educação	4,9	7,85	6,56	0,32	7,84
Comunicação	4,8	0,28	0,09	-0,14	0,56

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2013.

reflexo, em parte, da redução de 4,79% nos preços das hortaliças e verduras e da menor pressão do item tubérculos e frutas. No segmento serviços, a desaceleração de 2,77% para 1,87% repercutiu o final do impacto da alta sazonal das mensalidades escolares.

A evolução dos preços monitorados traduziu, em especial, as elevações respectivas de 4,65%, 3,82% e 3,56% nos itens produtos farmacêuticos, ônibus urbanos e ônibus intermunicipais. O índice de difusão médio atingiu 54,9% no trimestre encerrado em junho, contra 62,0% no primeiro trimestre do ano.

Considerados intervalos de doze meses, o IPCA da região variou 6,52% em junho, reflexo de acelerações nos preços livres, de 7,92% para 8,05%, e nos preços monitorados, de 1,31% para 2,08%.

O menor dinamismo da atividade econômica do Sudeste em meses recentes refletiu, em parte, a moderação das vendas do comércio ampliado e da produção industrial. Ressalte-se que a continuidade do crescimento do crédito, em contexto de expansão dos investimentos – revelada pela trajetória dos desembolsos do BNDES para a região –, e a expansão da renda devem favorecer a atividade econômica na região nos próximos meses.

Minas Gerais

Gráfico 4.6 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Minas Gerais

Dados desazonalizados
2002 = 100

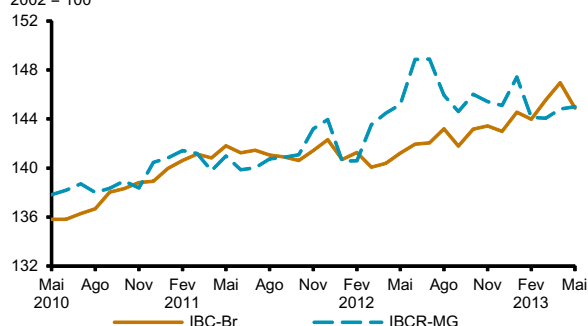


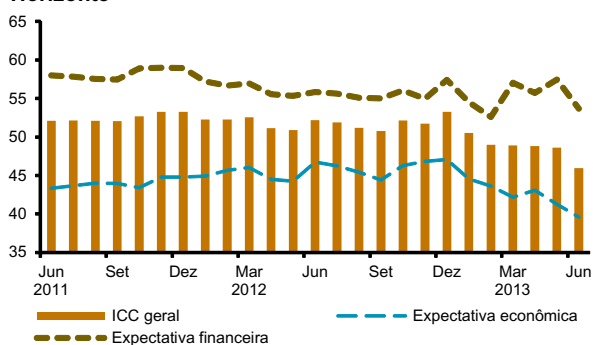
Tabela 4.12 – Índice de vendas no varejo – Minas Gerais
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
	Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,7	-0,6	-0,4	3,7
Combustíveis e lubrificantes	7,7	-0,6	-0,7	7,3
Hiper e supermercados	2,5	-0,6	-4,1	-1,3
Tecidos, vestuário e calçados	3,5	-2,7	4,1	2,5
Móveis e eletrodomésticos	21,8	-0,2	4,1	14,6
Comércio ampliado	5,7	-0,7	0,5	4,6
Veículos e motos, partes e peças	4,0	-0,6	-0,2	6,5
Material de construção	4,9	-0,5	0,5	4,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.7 – Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte



Fonte: Ipead/UFGM

O PIB de Minas Gerais recuou 1,2% no primeiro trimestre de 2013, em relação ao encerrado em dezembro, quando aumentara 0,6%, segundo dados dessazonalizados da Fundação João Pinheiro (FJP). Esse resultado foi influenciado, sobretudo, pelo impacto das férias coletivas da indústria automobilística, pela menor demanda externa por minério e pela menor geração de energia elétrica no período. Estatísticas mais recentes sinalizam continuidade da retração na atividade após os primeiros três meses. O IBCR-MG recuou 0,6% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando aumentara 0,1%, neste tipo de comparação. Essa trajetória reflete, em especial, o menor dinamismo das indústrias extrativa e de transformação. Considerados períodos de doze meses, o indicador aumentou 2,5% em maio (3,3% em fevereiro).

As vendas varejistas no estado recuaram 0,4% no trimestre encerrado em maio, relativamente ao trimestre finalizado em fevereiro, quando diminuíram 0,6% no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se as elevações das vendas nos segmentos tecidos, vestuário e calçados, e móveis e eletrodomésticos, ambas de 4,1%, e o recuo de 4,1% no segmento hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. O comércio ampliado cresceu 0,5% (-0,7% no trimestre anterior), com redução de 0,2% nas vendas de veículos e expansão de 0,5% nas relativas a material de construção.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas aumentaram 3,7% em maio (5,6% em fevereiro), em relação a igual período de 2012, destacando-se as expansões nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 18,8%, e móveis e eletrodomésticos, 14,6%, e a retração de 1,3% nas vendas de hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. Na mesma base de comparação, o comércio ampliado cresceu 4,6% (5,7% em fevereiro), com elevações de 6,5% nas vendas de veículos e de 4,5% nas relativas a material de construção.

O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead), atingiu 46 pontos em junho (48,9 pontos em março), menor nível desde maio de 2006, mantendo-se na área de pessimismo. O componente expectativa econômica retraiu 2,6 p.p., para 39,6 pontos, com destaque para a

redução de 4,3 p.p. na avaliação sobre a situação econômica do país. O componente expectativa financeira recuou 3,4 p.p., para 53,7 pontos, com deterioração da expectativa sobre a situação financeira da família.

Tabela 4.13 – Produção industrial – Minas Gerais

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % trimestral			
	Pesos ^{1/} 2013	Variação % trimestral		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	-4,0	-1,3	1,7
Indústria extrativa	14,8	-3,0	-6,7	-2,1
Indústria de transformação	85,2	-2,7	-1,1	2,4
Metalurgia básica	17,2	-2,7	2,4	-4,2
Veículos automotores	15,3	-7,4	4,3	14,0
Alimentos	12,5	1,4	-0,4	-1,0
Minerais não metálicos	7,4	-0,4	-4,5	-2,6
Outros produtos químicos	7,1	-19,2	-26,3	5,3

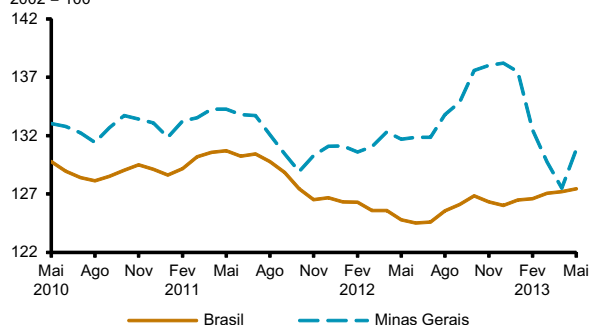
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.8 – Produção industrial – Minas Gerais

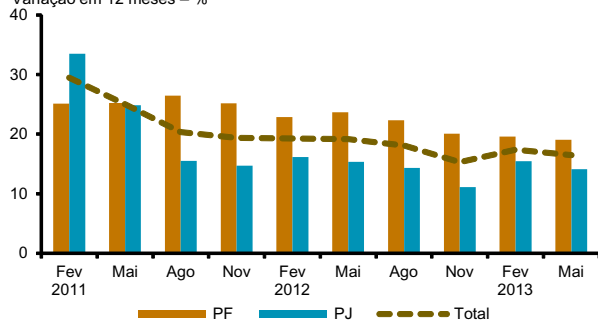
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 4.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

A produção industrial em Minas Gerais recuou 1,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia retraído 4%, nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa decresceu 6,7%, influenciada pelo recuo na exploração de minério de ferro, e a de transformação, 1,1%, ressaltando-se os desempenhos negativos das atividades outros produtos químicos, 26,3%, e minerais não metálicos 4,5%.

A produção da indústria mineira acumulada em doze meses cresceu 1,7% em maio, em relação a igual período de 2012, mantendo o mesmo ritmo de crescimento observado até fevereiro. A indústria extrativa recuou 2,1% e a de transformação expandiu 2,4%, impulsionada pelos aumentos nas atividades veículos automotores, 14%, e outros produtos químicos, 5,3%. Em sentido inverso, as indústrias de metalurgia básica, minerais não metálicos e de alimentos recuaram no período 4,2%, 2,6% e 1%, respectivamente.

O faturamento real da indústria, as horas trabalhadas e o emprego, divulgados pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg), aumentaram, na ordem, 1,2%, 1,3% e 1,3% no trimestre finalizado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, dados dessazonalizados. O Nuci registrou média de 85,4%, mantendo-se praticamente estável em relação ao nível do trimestre encerrado em fevereiro, 85,8%.

O Icei/MG, divulgado pela Fiemg, atingiu 52,6 pontos em junho, ante 53,7 pontos em março e 55,6 pontos em junho do ano anterior. A trajetória no trimestre refletiu o recuo de 1,9 ponto no Índice de Expectativas para os próximos seis meses e o aumento de 0,7 ponto no Índice de Condições Atuais.

As operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas em Minas Gerais totalizaram R\$221,9 bilhões em maio, aumentando 4,0% no trimestre e 16,5% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas atingiram R\$108,7 bilhões, com acréscimos de 4,9% e 19,1% nas mesmas bases de comparação, evidenciando o dinamismo das modalidades financiamentos imobiliários e crédito consignado. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas somou R\$113,1 bilhões, aumentos

Tabela 4.14 – Necessidades de financiamento do Estado de Minas Gerais e seus principais municípios^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado de Minas Gerais	-1 968	-789	1 352	2 150
Governo estadual	-1 531	-281	1 297	2 082
Capital	-324	-378	33	35
Demais municípios	-112	-130	22	33

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 4.15 – Dívida líquida e necessidades de financiamento do Estado de Minas Gerais e seus principais municípios^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	
		2012	Nominal			2013
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Est. Minas Gerais	72 732	-789	2 150	1 361	-57	74 035
Governo estadual	70 914	-281	2 082	1 801	-45	72 671
Capital	1 572	-378	35	-343	-12	1 218
Demais municípios	245	-130	33	-97	-1	147

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 4.16 – Produção agrícola – Minas Gerais
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2012	2013	2013/2012
Grãos	26,4	12 000	12 005	0,0
Feijão	4,0	634	550	-13,2
Milho	11,9	7 625	7 433	-2,5
Soja	8,6	3 073	3 370	9,6
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	18,2	70 521	71 918	2,0
Café	40,0	1 597	1 505	-5,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

respectivos de 3,1% e 14,1% nos períodos de comparação considerados, com ênfase nas contratações da administração pública, da construção e da siderurgia. A inadimplência das operações de crédito atingiu 3,2% da carteira em maio, registrando estabilidade no trimestre e em doze meses.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios de Minas Gerais atingiu R\$789 milhões nos primeiros três meses de 2013, representando recuo de 59,9% em relação a igual período de 2012. Ocorreram redução no *superavit* do governo estadual, de R\$1,5 bilhão para R\$281 milhões, e aumentos respectivos de 16,6% e 15,9% nos resultados da capital e dos demais municípios.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$2,1 bilhões no trimestre (aumento de 59% em relação a igual período de 2012), contribuindo para que o resultado nominal registrasse *deficit* de R\$1,4 bilhão.

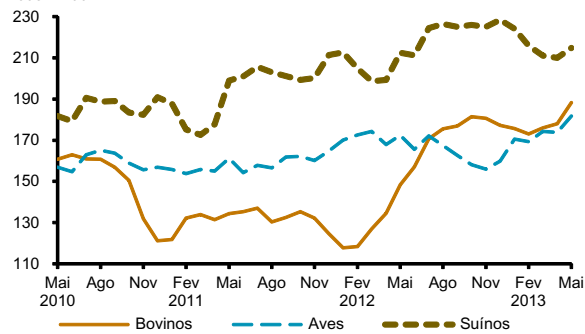
A dívida líquida do estado, da capital e dos principais municípios mineiros somou R\$74,0 bilhões em março, elevando-se 1,8% em relação a dezembro de 2012.

A safra de grãos do estado deverá atingir 12 milhões de toneladas em 2013, mantendo-se estável em relação à safra anterior, de acordo com o LSPA de junho, do IBGE. Essa estimativa incorpora elevação de 9,6% para a colheita da soja, impulsionada pelo aumento na área plantada, e reduções de 2,5% na produção de milho, principal cultura do estado, e de 13,2% na safra de feijão. Em relação às demais culturas, as produções de cana-de-açúcar e de café deverão variar 2% e -5,8%, respectivamente, no ano.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF (75% do total no estado) cresceram 34,6% nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2012. Os abates de aves e suínos aumentaram, na ordem, 4,1% e 5,6%.

O *superavit* da balança comercial de Minas Gerais totalizou US\$10,2 bilhões no primeiro semestre de 2013, recuando 4,4% ante o mesmo intervalo de 2012, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$16,2 bilhões e as importações, US\$6 bilhões, com variações respectivas de -0,3% e 7,3%.

O comportamento das exportações, reflexo de redução de 2,4% nos preços e aumento de 2,1% no *quantum*, foi impactado, em especial, pela redução de 11,9% nos

Gráfico 4.10 – Abates de animais – Minas GeraisMédia móvel trimestral
2005 = 100

Fonte: Mapa

Tabela 4.17 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	16 211	16 157	-0,3	-2,4
Básicos	9 933	10 269	3,4	-2,6
Industrializados	6 278	5 889	-6,2	-2,2
Semimanufaturados	3 495	3 079	-11,9	-3,8
Manufaturados ^{1/}	2 783	2 810	1,0	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.18 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	5 596	6 006	7,3	6,7
Bens de capital	1 730	1 883	8,8	6,6
Matérias-primas	2 494	2 542	1,9	6,8
Bens de consumo	1 099	1 198	9,1	2,6
Duráveis	916	947	3,3	-4,5
Não duráveis	182	251	37,8	11,9
Combustíveis e lubrificantes	273	382	40,0	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.19 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil)				
	2012		2013		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	84,2	54,9	-10,7	-39,6	69,0
Indústria de transformação	7,7	11,0	7,3	-10,2	12,7
Comércio	6,5	5,6	24,1	-8,7	2,6
Serviços	25,6	12,5	8,0	-3,4	19,3
Construção civil	16,9	8,9	-6,3	-7,2	8,7
Agropecuária	26,5	15,8	-43,8	-9,9	24,7
Indústria extrativa mineral	0,6	0,9	0,3	0,1	-0,1
Outros ^{1/}	0,4	0,2	-0,4	-0,3	1,1

Fonte: MTE

1/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outros.

embarques de produtos semimanufaturados, particularmente de ferro e aço. As vendas de produtos básicos cresceram 3,4%, com elevação nas relativas a minério de ferro e soja, e retração nas de café em grão, e as exportações de manufaturados elevaram-se 1,0%, destacando-se os embarques de automóveis e de tubos de ferro ou aço. As vendas para a China, Holanda, EUA, Japão, Argentina e Reino Unido representaram 62% das exportações do estado no período.

O crescimento das importações, resultante de variações de 11,0% no *quantum* e de -3,3% nos preços, refletiu aumentos em todas as categorias de uso, com destaque para combustíveis e lubrificantes, 40%, e bens de consumo, 9,1%. Os principais mercados de origem das importações do estado foram Argentina, EUA, China, Itália, Alemanha e México, com participação conjunta de 69% nas compras do estado no período.

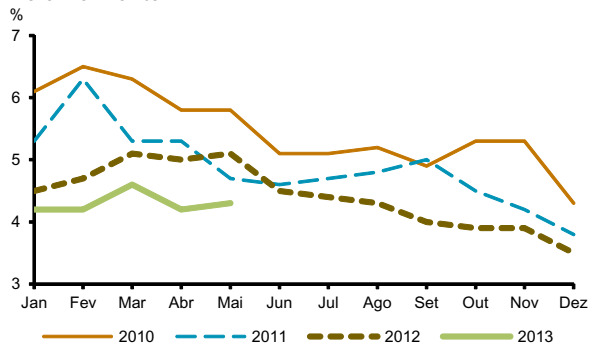
A economia mineira criou, de acordo com o Caged/MTE, 69 mil empregos formais no trimestre encerrado em maio (84,2 mil no mesmo trimestre do ano anterior), dos quais 24,7 mil na agropecuária, 19,3 mil em serviços, 12,7 mil na indústria de transformação e 8,7 mil na construção civil. Ressalte-se que apenas a indústria de transformação gerou maior número de vagas no período comparativo.

A taxa de desemprego na RMBH atingiu 4,4% no trimestre encerrado em maio, 0,7 p.p. inferior à média registrada nesse período do ano anterior. A massa de rendimentos real retraiu 1,8% no trimestre, refletindo estabilidade do rendimento médio real e redução de 1,8% no número de pessoas ocupadas remuneradas. Segundo dados dessazonalizados, a taxa de desemprego registrou estabilidade frente ao trimestre finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMBH variou 1,32% no trimestre encerrado em junho, ante 2,22% no primeiro trimestre do ano. A variação dos preços livres recuou de 3,13% para 1,30% e a dos monitorados aumentou de -0,76% para 1,37%.

A evolução dos preços livres decorreu de desacelerações nos preços dos bens comercializáveis, de 2,00% para 0,59%, e dos não comercializáveis, de 4,15% para 1,93%. No primeiro grupo, destacaram-se as retrações de preços nos itens óleo de soja, 13,28%; carnes, 4,91%; e automóvel novo, 1,16%. No grupo de bens não comercializáveis, as principais reduções ocorreram nos itens laranja pera, 20,43%; tomate, 19,57%; e passagem aérea, 8,81%.

Gráfico 4.11 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte



Fonte: IBGE

Tabela 4.20 – IPCA – Belo Horizonte

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012		2013	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,42	1,56	2,22	1,32
Livres	77,0	1,75	1,94	3,13	1,30
Comercializáveis	36,1	1,45	2,48	2,00	0,59
Não comercializáveis	40,9	2,02	1,46	4,15	1,93
Monitorados	23,0	0,35	0,35	-0,76	1,37
Principais itens					
Alimentos e bebidas	22,1	3,33	3,06	5,01	1,02
Habitação	15,1	1,66	0,89	-1,55	2,99
Artigos de residência	5,1	0,69	-0,39	1,63	0,43
Vestuário	7,0	3,01	4,46	0,21	2,18
Transportes	19,2	-1,10	1,23	1,96	-0,20
Saúde	10,8	1,17	1,29	1,35	2,57
Despesas pessoais	11,7	2,14	0,51	3,72	1,82
Educação	4,5	0,89	0,25	7,03	0,46
Comunicação	4,5	0,50	0,80	0,32	0,01

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a junho de 2013.

O aumento de preços nos monitorados foi impulsionado pelas elevações nos itens taxa de água e esgoto, 4,64%; produtos farmacêuticos, 4,12%; e energia elétrica residencial, 3,79%. O índice de difusão atingiu 56,1% no trimestre encerrado em junho, ante 64,4%, no primeiro trimestre do ano.

Considerados períodos de doze meses, a inflação atingiu 6,66% em junho (6,62% em março). A variação dos preços livres passou de 8,25% para 8,36%, e a dos monitorados, de 1,47% para 1,31%, nas mesmas bases de comparação. No âmbito dos preços livres, os preços dos bens comercializáveis variaram 6,67% em junho (7,22% em março), com destaque para os aumentos nos itens pão francês, 16,08%; calçados e acessórios, 11,69%; e roupa feminina, 9,84%. Os preços dos bens não comercializáveis variaram 9,88% em junho (9,19% em março), com ênfase nos aumentos nos itens aluguel residencial, 12,00%; empregado doméstico, 11,71%; e refeição fora do domicílio, 10,55%. Dentre os itens monitorados sobressaíram-se as elevações nos itens plano de saúde, 8,05%; ônibus urbano, 5,66%; e produtos farmacêuticos, 4,74%.

As restrições do ambiente externo sobre as exportações mineiras e os impactos da desaceleração na geração de empregos e do menor ritmo de elevação do poder aquisitivo dos trabalhadores sobre a demanda interna delineiam perspectivas de crescimento moderado para a economia do estado nos próximos meses.

Gráfico 4.12 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados

2002 = 100

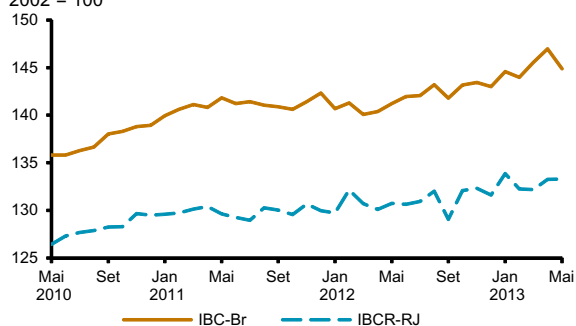


Tabela 4.21 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012 Ano	2013		
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	4,1	1,3	1,4	4,8
Combustíveis e lubrificantes	15,8	-0,5	0,5	15,6
Hiper e supermercados	1,1	-0,2	-0,6	1,9
Tecidos, vestuário e calçados	3,4	-3,7	4,7	3,4
Móveis e eletrodomésticos	6,5	-0,7	4,1	-0,4
Comércio ampliado	4,1	1,8	2,9	6,5
Veículos e motos, partes e peças	2,2	6,3	3,2	8,9
Material de construção	9,9	-0,3	3,0	11,5

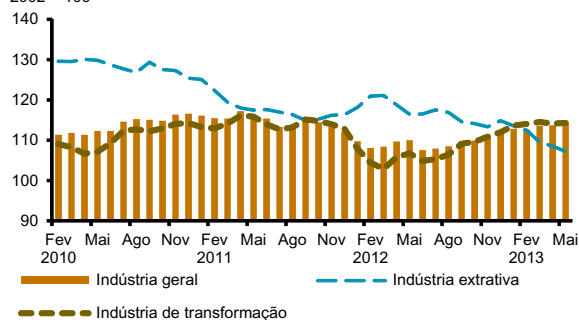
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.13 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.22 – Produção industrial – Rio de Janeiro

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2013	Variação % no período		
		2013		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,8	1,3	0,1
Indústria extrativa	20,1	-0,8	-4,7	-4,3
Indústria de transformação	79,9	2,9	0,2	1,1
Refino de petróleo e álcool	14,3	-4,1	3,8	6,9
Metalurgia básica	12,3	-12,9	4,2	-12,2
Veículos automotores	7,2	10,5	0,0	-14,1
Outros produtos químicos	8,8	2,3	2,9	7,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Rio de Janeiro

A expansão da atividade econômica no estado do Rio de Janeiro mostrou moderação no trimestre encerrado em maio, em contexto de crescimento das vendas varejistas e da produção da indústria de transformação, e de desempenhos desfavoráveis da indústria extrativa e do comércio externo. Nesse cenário, o IBCR-RJ cresceu 0,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando havia aumentado 1,1%, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 1,3% em maio (1,2% em fevereiro), em relação a igual intervalo de 2012.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando aumentaram 1,3%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se, no período, os aumentos nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 4,1%; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 5,3%; e tecidos, vestuário e calçados, 4,7%. Incluídos os aumentos nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 3,2%, e de material de construção, 3%, o comércio ampliado cresceu 2,9% no trimestre.

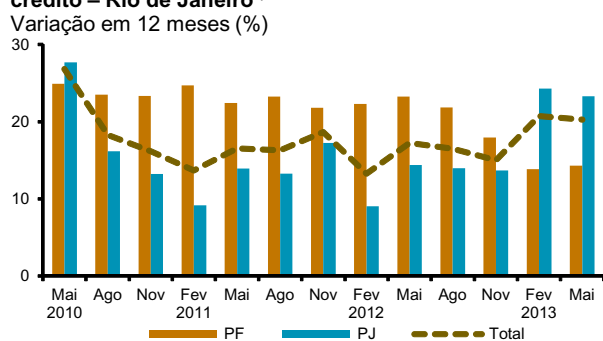
Considerados períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista e do comércio ampliado do estado cresceram, na ordem, 4,8% e 6,5% em maio (4,3% e 5,1%, respectivamente, em fevereiro), em relação a igual período de 2012.

As vendas de automóveis e veículos comerciais leves totalizaram 64,3 mil unidades no trimestre encerrado em maio, recuando 3,8% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, de acordo com a Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, as vendas de automóveis e veículos comerciais leves cresceram 12,5% em maio (10,8% em fevereiro).

A produção industrial fluminense aumentou 1,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 1,8%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa, refletindo o impacto de paradas programadas de plataformas petrolíferas nas bacias de Campos e de Santos, recuou 4,7%, e a indústria de transformação cresceu 0,2% no trimestre, refletindo elevações nas atividades metalúrgica, 4,2%, e de edição, impressão e reprodução de gravações, 8,9%.

Considerados períodos de doze meses, a produção industrial do estado aumentou 0,1% em maio (recoo de 2,1% em fevereiro), primeiro resultado positivo desde dezembro de 2011, nessa base de comparação. A indústria de transformação cresceu 1,1% e a extrativa recuou 4,3%.

Gráfico 4.14 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

Tabela 4.23 – Necessidades de financiamento – Rio de Janeiro^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado do Rio de Janeiro	-1 611	-1 884	1 106	1 870
Governo estadual	-1 759	-1 653	1 018	1 646
Capital	368	-839	78	211
Demais municípios	-220	609	10	13

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

Tabela 4.24 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – Rio de Janeiro^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/}	2013
		2012	Outros ^{4/}			
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Estado do Rio de Janeiro	75 567	-1 884	1 870	-14	-330	75 223
Governo estadual	69 338	-1 653	1 646	-7	-288	69 042
Capital	6 599	-839	211	-629	-39	5 931
Demais municípios	-370	609	13	622	-3	250

1/ Inclui informações do estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil realizadas no estado totalizou R\$298,7 bilhões em maio, expandindo 4,7% no trimestre e 20,3% em doze meses. O total contratado no segmento de pessoas físicas somou R\$96,3 bilhões, com elevações respectivas de 4,1% e 14,3%, destacando-se o dinamismo das modalidades dos financiamentos imobiliários e crédito consignado. O estoque de crédito atingiu R\$202,4 bilhões no segmento de pessoas jurídicas, elevando-se 4,9% no trimestre e 23,3% em doze meses, com ênfase nas modalidades financiamentos à exportação e outros financiamentos.

A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,48% em maio, ante 2,53% em fevereiro, situando-se em 5,62% no segmento de pessoas físicas e em 0,99% no de pessoas jurídicas, contra 5,69% e 1,01%, respectivamente, em fevereiro.

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios do Rio de Janeiro atingiu R\$1,9 bilhão nos três primeiros meses de 2013, comparativamente a R\$1,6 bilhão em igual período de 2012, ressaltando-se a reversão, de *deficit* para *superavit*, no resultado na capital.

Os juros nominais, apropriados por competência, totalizaram R\$1,9 bilhão no trimestre, com aumento de 69% sobre o primeiro trimestre de 2012. O *superavit* nominal totalizou R\$14 milhões, ante R\$505 milhões nos três primeiros meses de 2012.

A dívida líquida dos governos do estado, da capital e dos principais municípios situou-se em R\$75,2 bilhões em março de 2013, recuo de 0,5% em relação a dezembro de 2012, destacando-se a retração de 10,1% na dívida da capital.

A produção de cana-de-açúcar deverá recuar 12,7% em 2013, de acordo com o LSPA divulgado pelo IBGE em junho, reflexo de decréscimos de 10,4% na área colhida e de 2,6% na produtividade. Dentre as demais culturas, estão projetadas reduções para as produções de mandioca, 26,8%; tomate, 8%; e abacaxi 2,2%.

Tabela 4.25 – Produção agrícola – Rio de Janeiro
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2012	2013 ^{2/}	
Grãos				
Café	7,8	15,8	16,9	7,0
Milho	0,9	15,0	13,3	-11,3
Outras lavouras				
Tomate	28,2	195,7	180,1	-8,0
Cana-de-açúcar	18,7	5 692,9	4 968,0	-12,7
Mandioca	10,6	324,4	237,6	-26,8
Abacaxi	8,9	133,1	130,2	-2,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

Tabela 4.26 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	14 521	9 519	-34,4	-2,4
Básicos	9 651	4 934	-48,9	-2,6
Industrializados	4 870	4 585	-5,9	-2,2
Semimanufaturados	1 166	904	-22,5	-3,8
Manufaturados ^{1/}	3 704	3 681	-0,6	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.27 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro			Brasil
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	9 680	11 313	16,9	6,7
Bens de capital	1 837	2 184	18,9	6,6
Matérias-primas	3 028	3 393	12,1	6,8
Bens de consumo	1 452	1 686	16,1	2,6
Duráveis	722	821	13,7	-4,5
Não duráveis	730	865	18,5	11,9
Combustíveis e lubrificantes	3 363	4 050	20,4	10,6

Fonte: MDIC/Secex

A safra de grãos do estado deverá decrescer 17,1% no ano, reflexo de recuos de 14,6% na área colhida e de 3% na produtividade.

A balança comercial do estado acumulou *deficit* de US\$1,8 bilhão no primeiro semestre de 2013, contrastando com o *superavit* de US\$4,8 bilhões em igual período de 2012, de acordo com o MDIC. As exportações recuaram 34,4% no período, totalizando US\$9,5 bilhões, e as importações aumentaram 16,9%, para US\$11,3 bilhões.

A evolução das exportações, decorrente de reduções de 10,7% nos preços e de 26,8% no *quantum*, evidenciou, em especial, a retração de 48,9% nos embarques de produtos básicos. Os principais destinos das vendas externas do estado foram EUA, China e Holanda, que adquiriram, em conjunto, 52,7% dos embarques realizados no semestre.

O crescimento das importações decorreu de redução de 4,5% nos preços e aumento de 22,8% no *quantum*, destacando-se as elevações nas aquisições de combustíveis e lubrificantes, 20,4%, e de bens de capital, 18,9%. As importações provenientes dos EUA, Arábia Saudita e China representaram, em conjunto, 40,1% das compras do estado no semestre.

A economia fluminense criou 34,9 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio (42,6 mil postos em igual período de 2012), de acordo com o Caged/MTE, dos quais 18,1 mil no setor de serviços e 7,4 mil na indústria de transformação. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado aumentou 0,6% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 0,1%, na mesma base de comparação.

A taxa média de desemprego na RMRJ atingiu, de acordo com a PME do IBGE, 4,9% no trimestre encerrado em maio (5,6% em igual período de 2012), com crescimentos de 0,9% na população ocupada e de 0,2% na PEA. O rendimento médio habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas aumentou 2% e a massa de rendimentos, 3,4%, no período. De acordo com dados dessazonalizados, a taxa de desemprego aumentou 0,1 p.p. em relação ao trimestre finalizado em fevereiro.

O IPCA da RMRJ variou 1,88% no segundo trimestre de 2013 (1,25% no trimestre anterior). Ocorreram, no período, desaceleração dos preços livres, de 2,22% para 1,70%, e reversão, de -1,22% para 2,36%, na variação

Tabela 4.28 – Evolução do emprego formal –

Rio de Janeiro

Novos postos

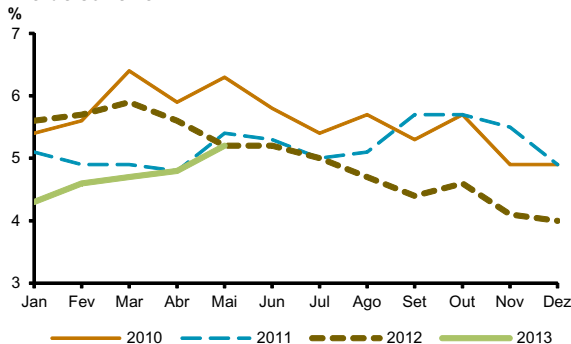
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012			2013	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	42,6	30,9	36,0	-35,3	34,9
Indústria de transformação	4,9	1,8	5,7	-2,8	7,4
Comércio	3,0	4,6	21,6	-13,8	1,7
Serviços	18,6	15,5	14,5	-13,0	18,1
Construção civil	12,9	5,9	-2,5	0,1	5,8
Agropecuária	2,2	1,5	-2,2	-2,0	1,5
Serviços ind. utilidade pública	0,9	1,4	0,1	0,0	-0,6
Outros ^{2/}	0,2	0,2	-1,2	-3,8	1,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.15 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro



Fonte: IBGE

Tabela 4.29 – IPCA – Rio de Janeiro

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2012		2013	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	1,74	2,27	1,25	1,88
Livres	72,4	2,03	2,56	2,22	1,70
Comercializáveis	27,8	1,71	3,05	1,64	1,20
Não comercializáveis	44,6	2,23	2,26	2,59	2,02
Monitorados	27,6	1,04	1,52	-1,22	2,36
Principais itens					
Alimentação	23,5	3,36	2,49	4,42	2,12
Habitação	16,3	1,76	3,06	-1,98	2,30
Artigos de residência	3,7	0,84	-0,17	2,05	0,26
Vestuário	5,1	2,33	2,82	-0,56	2,50
Transportes	17,9	0,33	1,31	0,30	1,65
Saúde	12,0	1,27	1,68	1,99	3,06
Despesas pessoais	11,1	2,90	5,49	-0,46	1,94
Educação	4,9	0,29	0,43	5,68	0,43
Comunicação	5,5	0,25	-0,08	0,35	-0,36

Fonte: IBGE

1/ Referente a junho de 2013.

dos monitorados, esta condicionada, em especial, pelos aumentos nos itens tarifas de energia, 5,76%, e ônibus urbano, 5,09%.

No âmbito dos preços livres, os preços dos bens comercializáveis desaceleraram de 1,64% para 1,20% e os dos bens não comercializáveis, de 2,59% para 2,02%, ressaltando-se a redução, de 25,94% para 2,22%, na variação dos preços dos alimentos *in natura*. O índice de difusão médio atingiu 57,1% (59,6% no primeiro trimestre do ano).

Considerados intervalos de doze meses, a inflação na RMRJ atingiu 7,34% em junho (6,53% em março), resultado de acelerações nos preços monitorados, de 2,33% para 3,73%, e dos livres, de 8,21% para 8,78%. Destacaram-se, no período, os aumentos de preços nos grupos alimentação e bebidas, 12,96%, e despesas pessoais, 10,15%.

A atividade econômica do Rio de Janeiro manteve ritmo de expansão moderada no trimestre encerrado em maio. O desempenho das vendas varejistas e da indústria de transformação foi neutralizado, em parte, pelos resultados desfavoráveis da indústria extrativa e do comércio externo. A atividade no estado deverá ser favorecida, nos próximos meses, pela sustentação do crédito e da renda, e pelos impactos de investimentos, em curso e planejados.

São Paulo

Tabela 4.30 – Comércio varejista – São Paulo

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2012	2013		
		Ano	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}
Comércio varejista	9,6	-0,1	-0,5	6,7
Combustíveis e lubrificantes	2,0	-4,3	7,8	7,4
Hiper e supermercados	14,2	0,5	-0,6	9,3
Tecidos, vestuário e calçados	-0,5	-0,2	4,3	1,8
Móveis e eletrodomésticos	10,0	3,3	-3,8	8,0
Comércio ampliado	9,7	2,3	0,1	7,9
Automóveis e motocicletas	10,4	7,2	0,7	11,2
Material de construção	7,1	9,6	-2,7	2,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.16 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e São Paulo

Dados dessazonalizados

2002 = 100

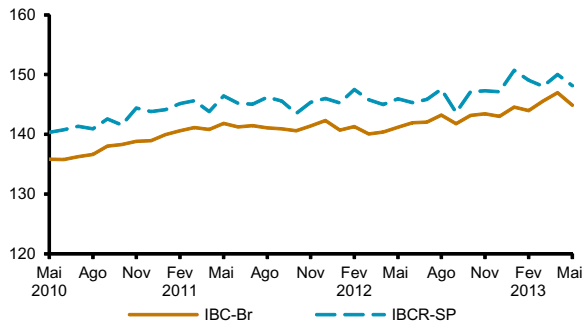
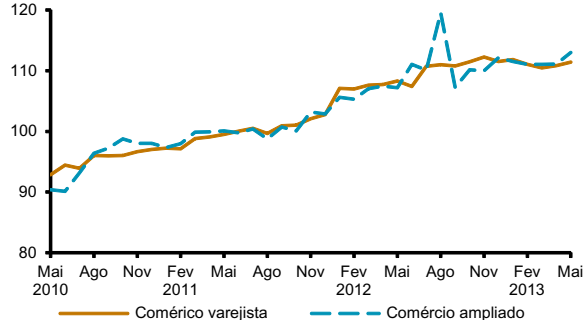


Gráfico 4.17 – Comércio varejista – São Paulo

Dados dessazonalizados

2011 = 100

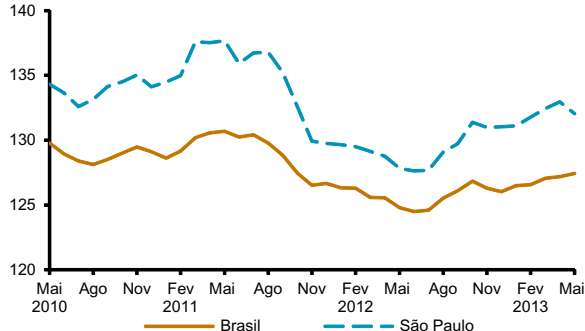


Fonte: IBGE

Gráfico 4.18 – Produção industrial – São Paulo

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

2002 = 100



Fonte: IBGE

A atividade econômica em São Paulo moderou no trimestre encerrado em maio, repercutindo o arrefecimento do comércio ampliado e da produção industrial. Nesse cenário, o IBCR-SP recuou 0,2% em relação ao trimestre finalizado em fevereiro, quando aumentara 2% na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o indicador variou 1,3% em maio (1,0% em fevereiro).

As vendas do comércio varejista recuaram 0,5% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando haviam diminuído 0,1%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Destacaram-se as retrações nas vendas de livros, jornais, revistas e papelaria, 7,2%, e de móveis e eletrodomésticos, 3,8%. O comércio ampliado cresceu 0,1% e 2,3%, respectivamente, nos trimestres mencionados, com variações de 0,7% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de -2,7% nas de material de construção.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado aumentaram 6,7% em maio, em relação a igual período de 2012, destacando-se as elevações nos segmentos hipermercados e supermercados, 9,3%, e móveis e eletrodomésticos, 8%. O comércio ampliado, refletindo aumentos respectivos de 11,2% e 2,8% nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, cresceu 7,9%.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), divulgado pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), recuou 8,2% no trimestre encerrado em junho, em relação ao finalizado em março, resultado de retrações de 6,7% no componente associado às condições econômicas atuais e de 9,1% naquele que avalia as expectativas. O ICC decresceu 8,9% em relação a igual trimestre de 2012, refletindo recuos respectivos de 7,0% e 10,2% nos componentes mencionados.

A produção da indústria paulista aumentou 0,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando crescera 0,6%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Houve aumentos, no período, em doze dos vinte setores considerados na pesquisa, ressaltando-se os registrados nas indústrias de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 11,3%, e de máquinas e equipamentos, 5,8%.

Tabela 4.31 – Produção industrial – São Paulo

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	Pesos ^{1/} 2013	2013		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	0,6	0,2	-0,4
Alimentos	11,6	3,8	-4,0	-0,9
Veículos automotores	10,1	1,0	3,4	-2,5
Refino de petróleo e álcool	9,0	0,2	1,9	7,0
Outros produtos químicos	8,4	-0,9	3,1	0,2
Máquinas e equipamentos	7,5	2,6	5,8	-7,5
Farmacêutica	5,7	-3,7	-7,2	6,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

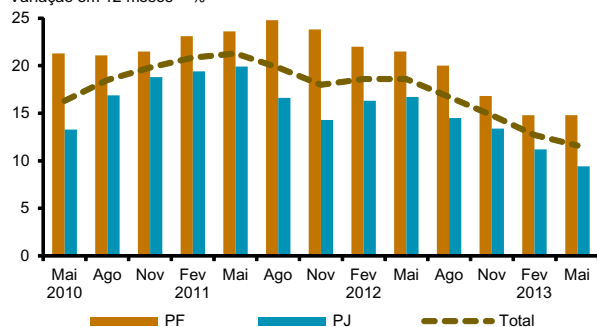
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A análise em doze meses indica que a produção da indústria do estado recuou 0,4% em maio (-2,6% em fevereiro), em relação ao período correspondente de 2012, destacando-se as reduções respectivas de 11,2% e 7,5% nos segmentos de edição, impressão e reprodução de gravações, e de máquinas e equipamentos, e as expansões respectivas de 18,6% e 7,0% nas indústrias de outros equipamentos de transporte e de refino de petróleo e álcool.

De acordo com estatísticas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), dessazonalizadas, as vendas reais do setor cresceram 1,9% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando haviam aumentado 2,7%, nesse tipo de análise, enquanto as horas trabalhadas na produção variaram, respectivamente, -1,8% e 0,5%. O Nuci atingiu 81,7% em maio, ante 82,3% em fevereiro.

Gráfico 4.19 – Evolução do saldo das operações de crédito – São Paulo^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$1 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$1 mil contratadas no estado de São Paulo atingiu R\$744,7 bilhões em maio, elevando-se 3,2% no trimestre e 11,6% em doze meses. O estoque relativo ao segmento de pessoas físicas totalizou R\$312,5 bilhões, com aumentos, na ordem, de 4,1% e 14,8%, destacando-se o dinamismo das modalidades financiamento imobiliário e crédito consignado. A carteira de pessoas jurídicas somou R\$432,2 bilhões, elevando-se 2,6% no trimestre e 9,4% em doze meses, com destaque para o desempenho das operações de arrendamento mercantil de veículos, de financiamento de projetos e de capital de giro.

A inadimplência das operações de crédito em São Paulo situou-se em 3,3% em maio, mesmo nível de fevereiro. As taxas atingiram 4,6% no segmento de pessoas físicas e 2,4% no de pessoas jurídicas (4,7% e 2,4%, respectivamente, em fevereiro).

O *superavit* primário dos governos do estado, da capital e dos principais municípios de São Paulo atingiu R\$7,7 bilhões no primeiro trimestre de 2013, recuando 25,1% em relação a igual período de 2012. O *superavit* do governo do estado decresceu 53,2%, enquanto os relativos à capital e aos demais municípios elevaram-se 9,2% e 147,6%, respectivamente.

Os juros nominais, apropriados por competência, somaram R\$7,2 bilhões, no primeiro trimestre do ano (aumento de 47,2% em relação a igual período de 2012), resultado de aumentos respectivos de 39,3%, 70,4% e 31,9% no estado, na capital e nos principais municípios. Como

Tabela 4.32 – Necessidades de financiamento – São Paulo^{1/}

UF	R\$ milhões			
	Resultado primário		Juros nominais	
	2012	2013	2012	2013
	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar	Jan-mar
Estado de S. Paulo	-10 268	-7 689	4 913	7 230
Governo estadual	-7 027	-3 287	3 528	4 916
Capital	-2 616	-2 855	1 267	2 158
Demais municípios	-625	-1 547	118	156

1/ Inclui informações do Estados e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

Tabela 4.33 – Dívida líquida e necessidades de financiamento – São Paulo^{1/}

UF	R\$ milhões					
	Dívida 2012	Fluxos acumulados no ano			Dívida ^{2/} 2013	
		Nominal	Outros ^{4/}			
	Dez	Primário	Juros	Total ^{3/}	Mar	
Est. São Paulo	248 094	-7 689	7 230	-459	-925	246 710
Governo estadual	181 050	-3 287	4 916	1 629	-492	182 188
Capital	66 867	-2 855	2 158	-697	-352	65 817
Demais municípios	176	-1 547	156	-1 391	-80	-1 295

1/ Inclui inform. do Estado e de seus principais municípios. Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

4/ Inclui ajustes decorrentes de variação cambial, reconhec. de dívidas e privatiz.

Tabela 4.34 – Produção agrícola – São Paulo

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas			Var. %
		Produção ^{2/}		2013/2012	
		2012	2013		
Produção de grãos		7 110	7 487	5,3	
Arroz (em casca)	0,2	82	93	13,4	
Feijão	1,0	236	246	4,3	
Milho	3,9	4 755	4 681	-1,6	
Soja	2,6	1 472	1 901	29,2	
Outras lavouras selecionadas					
Café	3,2	313	257	-18,0	
Cana-de-açúcar	60,7	357 746	411 301	15,0	
Laranja	14,1	14 483	13 523	-6,6	

Fonte: IBGE

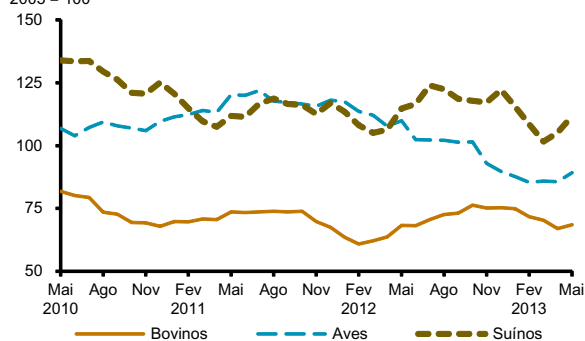
1/ Por valor da produção – PAM 2011.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2013.

Gráfico 4.20 – Abates de animais – São Paulo

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

consequência, foi apurado *superavit* nominal de R\$459 milhões no primeiro trimestre do ano (R\$5,4 bilhões em igual período de 2012).

A dívida líquida do estado, da capital e dos demais principais municípios totalizou R\$246,7 bilhões (62,4% da dívida da região Sudeste) em março, reduzindo-se 0,6% em relação a dezembro de 2012.

A safra de grãos do estado deverá atingir 7,5 milhões de toneladas em 2013, segundo o LSPA de junho, do IBGE. A projeção de expansão anual de 5,3% reflete as estimativas de aumentos para as culturas de soja, 29,2%, resultado de aumentos de 14,7% da área plantada e 12,7% do rendimento médio; arroz, 13,4%; e feijão, 4,3%, e a previsão de redução de 1,6% para a safra de milho. Em relação às demais lavouras, estão previstas elevação de 15,0% para a produção de cana-de-açúcar, resultado de aumentos na área plantada e na produtividade, e reduções para as colheitas de café, 18,0%, em ciclo bienal de baixa produtividade, e de laranja, 6,6%, reflexo do recuo de 13,3% na área colhida.

Os abates de bovinos, aves e suínos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF variaram 8,5%, -19,6% e -1,4%, respectivamente, nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2012, de acordo com o Mapa. A expansão dos abates de bovinos repercutiu a recuperação da demanda externa, enquanto a acentuada redução dos abates de aves refletiu o menor consumo externo e a redução dos preços no mercado interno.

O *deficit* da balança comercial de São Paulo atingiu US\$16,7 bilhões no primeiro semestre do ano, 28,3% superior ao de igual período de 2012. As exportações recuaram 1,8% e as importações aumentaram 7,9%, totalizando, na ordem, US\$26,7 bilhões e US\$43,3 bilhões.

O comportamento das exportações, decorrente de variações de -5,5% nos preços e de 3,9% no *quantum*, refletiu, em especial, a redução de 6,4% das vendas de produtos manufaturados, com destaque para a retração de 32,2% nas relativas a aviões. Os embarques de produtos semimanufaturados aumentaram 29,6%, impulsionados pela expansão de 78,2% nas vendas de açúcar de cana em bruto. Argentina, EUA, China, Holanda e México adquiriram, em conjunto, 41,2% das exportações do estado no semestre.

O crescimento das importações, evidenciando variações de -1,3% nos preços e de 9,3% no *quantum*, foi estimulado, sobretudo, pelos aumentos respectivos de 18,2%

Tabela 4.35 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	27 160	26 662	-1,8	-2,4
Básicos	2 476	2 626	6,1	-2,6
Industrializados	24 685	24 036	-2,6	-2,2
Semimanufaturados	2 600	3 368	29,6	-3,8
Manufaturados ^{1/}	22 085	20 668	-6,4	-1,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.36 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo		Brasil	
	2012	2013	Var. %	Var. %
Total	40 165	43 345	7,9	6,7
Bens de capital	10 648	10 531	-1,1	6,6
Matérias-primas	18 625	20 497	10,1	6,8
Bens de consumo	5 934	6 457	8,8	2,6
Duráveis	2 189	2 440	11,5	-4,5
Não duráveis	3 745	4 017	7,3	11,9
Combustíveis e lubrificantes	4 957	5 859	18,2	10,6

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.37 – Evolução do emprego formal – São Paulo

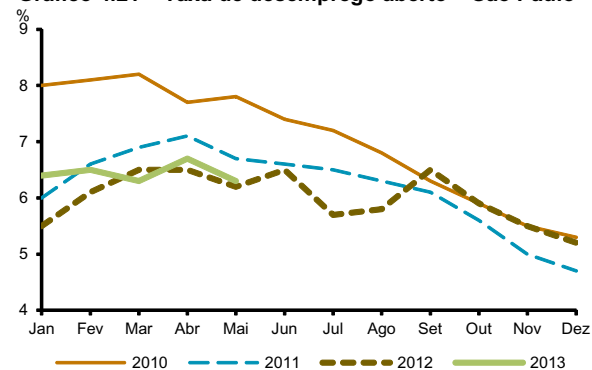
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2012		2013		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	185,2	103,5	54,6	-120,6	149,0
Indústria de transformação	35,8	-1,4	-3,8	-34,8	39,5
Comércio	13,7	30,6	47,3	-16,6	0,4
Serviços	79,1	33,2	47,6	-6,1	50,4
Construção civil	20,5	2,9	-14,6	-2,4	16,4
Agropecuária	25,2	32,3	-20,8	-56,3	33,9
Serviços ind. de utilidade pública	0,9	1,7	1,3	2,4	1,0
Outros ^{2/}	10,0	4,2	-2,5	-6,8	7,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outros.

Gráfico 4.21 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo

Fonte: IBGE

e 10,1% das compras de combustíveis e lubrificantes e de matérias-primas. As aquisições provenientes dos EUA, China, Alemanha, Nigéria e Coreia do Sul representaram, em conjunto, 50,3% do total adquirido pelo estado no semestre.

A economia de São Paulo gerou, de acordo com o Caged/MTE, 149 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio (185,2 mil em igual período de 2012), dos quais 50,4 mil no setor de serviços, 39,5 mil na indústria de transformação e 33,9 mil na agropecuária. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,2% no trimestre terminado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia aumentado 0,5%, no mesmo tipo de análise.

A taxa de desemprego da RMSP, divulgada pela PME do IBGE, atingiu 6,4% no trimestre encerrado em maio, mesmo percentual em igual período de 2012, refletindo elevações de 0,6% no pessoal ocupado e na PEA. O rendimento real médio habitual e a massa salarial real aumentaram 1,9% e 2,5%, respectivamente, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5,9% no trimestre finalizado em maio, ante 6,4% naquele encerrado em fevereiro.

O IPCA da RMSP variou 1,04% no segundo trimestre de 2013, contra 2,14% no trimestre anterior, refletindo desaceleração dos preços livres, de 3,14% para 0,96%, e reversão na variação dos preços monitorados, de -0,94% para 1,31%.

A evolução dos preços livres decorreu de desacelerações nos preços dos produtos comercializáveis, de 2,39% para 0,08%, condicionada por reduções de preços nos itens etanol, carne de frango e automóveis novos; e dos não comercializáveis, de 3,77% para 1,68%, devido, sobretudo, ao esgotamento do impacto do reajuste das mensalidades escolares, de desaceleração dos preços de tubérculos, alimentação fora do domicílio e serviços pessoais, e de redução dos preços de hortaliças e verduras.

A variação dos preços monitorados foi influenciada, principalmente, pelas elevações respectivas de 6,77%, 4,74% e 4,67% nos itens ônibus intermunicipais, produtos farmacêuticos e ônibus urbanos. O índice de difusão médio atingiu 53,5% (61,4% no primeiro trimestre do ano).

Considerados intervalos de doze meses, a inflação na RMSP atingiu 6,14% em junho (5,97% em março), reflexo

Tabela 4.38 – IPCA – São Paulo

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2012	2013		
		Ano	I Tri	II Tri	12 meses
IPCA	100,0	4,72	2,14	1,04	6,14
Livres	76,4	5,56	3,14	0,96	7,66
Comercializáveis	34,1	3,23	2,39	0,08	6,13
Não comercializáveis	42,3	7,57	3,77	1,68	8,91
Monitorados	23,6	2,19	-0,94	1,31	1,60
Principais itens					
Alimentação	23,2	8,67	4,18	1,30	11,33
Habitação	13,8	5,31	-1,57	1,48	2,76
Artigos de residência	4,0	0,79	1,95	1,32	5,72
Vestuário	5,9	5,47	0,18	1,76	4,68
Transportes	20,8	-1,24	1,61	-0,17	2,62
Saúde	11,7	6,33	1,93	2,41	7,08
Despesas pessoais	11,0	8,49	4,24	1,23	8,96
Educação	5,0	7,70	6,73	0,22	7,89
Comunicação	4,6	0,60	-0,09	-0,10	0,34

Fonte: IBGE

1/ Referente a junho de 2013.

de desaceleração dos preços livres, de 7,69% para 7,66%, e aceleração dos monitorados, de 0,79% para 1,60%.

A atividade econômica de São Paulo moderou na margem, em cenário de recuo da confiança do consumidor e acomodação do mercado de trabalho e da renda disponível. Esse ambiente exerceu repercussões desfavoráveis sobre o comércio varejista e a atividade industrial. Vale ressaltar que a retomada dos investimentos tende a favorecer a evolução da atividade no médio prazo.